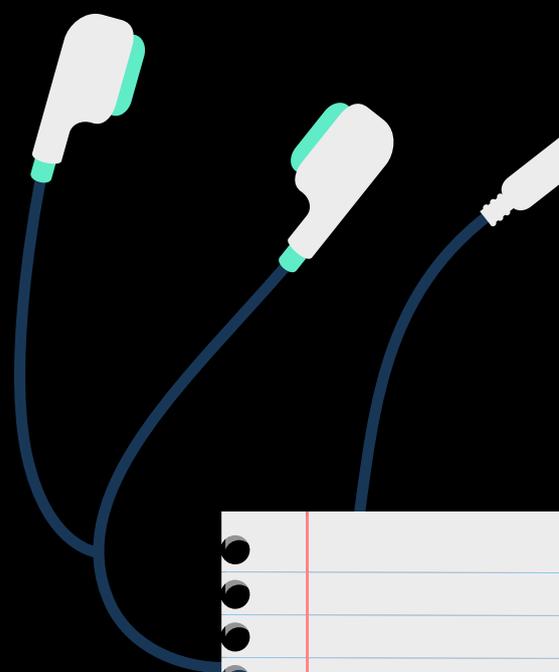


Crônicas para ler e ouvir

NÚMERO 5



Organizadores

Luciano Victor Barros Maluly
Daniel Azevedo Muñoz
Deyse Alini de Moura
Felipe Priante
Gabriela Martin
Guilherme Gonçalves Longo
Gustavo Urbani Pessutti
Isabelly de Paula Oliveira
Patrícia Rangel Rodrigues
Thais May Carvalho

2025



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



JORNALISMO E EDITORAÇÃO



Universidade
93.7

CRÔNICAS PARA LER E OUVIR

NÚMERO 5

Luciano Victor Barros Maluly

Daniel Azevedo Muñoz

Deyse Alini de Moura

Felipe Priante

Gabriela Martin

Guilherme Gonçales Longo

Gustavo Urbani Pessutti

Isabelly de Paula Oliveira

Patrícia Rangel Rodrigues

Thais May Carvalho

(Organizadores)

ECA-USP - 2025

CRÔNICAS PARA LER E OUVIR

NÚMERO 5

Luciano Victor Barros Maluly

Daniel Azevedo Muñoz

Deyse Alini de Moura

Felipe Priante

Gabriela Martin

Guilherme Gonçalves Longo

Gustavo Urbani Pessutti

Isabelly de Paula Oliveira

Patrícia Rangel Rodrigues

Thais May Carvalho

(Organizadores)

ECA-USP - 2025

*Para Edilaine Heleodoro Félix, Nabil Bonduki,
Rodrigo Morel e Viviana Bosi, pelas contribuições
ao programa Universidade 93,7 da Rádio USP e,
consequentemente, ao ensino do radiojornalismo na
Universidade de São Paulo.*

A memória não é sonho, é trabalho.

Ecléa Bosi

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada

Diagramação: Daniel Azevedo Muñoz e Isabelly de Paula Oliveira

Capa: Gabriela Martin

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Jr.

Vice-reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Departamento de Jornalismo e Editoração

Chefe do Departamento: Prof. Dr. Wagner Souza e Silva

Vice-chefe do Departamento: Prof. Dr. Vittor Souza Lima Blotta

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C947 Crônicas para ler e ouvir [recurso eletrônico] : número 5 / organização Luciano Victor Barros Maluly ... [et al.]. – São Paulo: ECA-USP, 2025.
PDF (54 p.)

ISBN 978-85-7205-300-6

DOI 10.11606/9788572053006

1. Radiojornalismo. 2. Jornalismo literário. 3. Crônica. I. Maluly, Luciano Victor Barros.

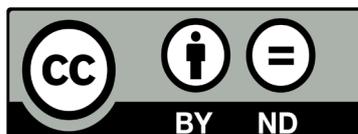
CDD 22. ed. – 070.194

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Índice para catálogo sistemático

1. Comunicação: 302.2

Sem derivação



Creative Commons 4.0
Atribuição, Não Comercial

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
CADEIRAS	9
A cadeira da minha avó	10
<i>Cecília de Oliveira Freitas</i>	
Quais cadeiras você ocupa?	12
<i>Gustavo Roberto da Silva</i>	
Relação conturbada	13
<i>Ian Salmar</i>	
Velhas cadeira, novos usos	15
<i>João Pedro Abdo</i>	
Meu dia em cadeiras	16
<i>Maria Fernanda Barros Souza</i>	
Entrevista de emprego	17
<i>Túlio Gonzaga</i>	
MISTICISMO	18
Tá falando com quem?	19
<i>Cora Andrade</i>	
Espíritos Vagantes	21
<i>Ester de Brito</i>	
Contato inesperado	23
<i>Júlia Galvão</i>	
Um livramento por acaso	25
<i>Júlia Moreira</i>	
Vidas passadas	26
<i>Luana Takahashi</i>	
Entre a enxada e o arrepio na espinha	27
<i>Nicolas Coelho</i>	
Perdida no limbo	29
<i>Raquel Tiemi</i>	
PUBERDADE FEMININA	31
Relacionamentos	32
<i>Alessandra Ueno</i>	
Um problema meu	34
<i>Bárbara Bigas</i>	

Um futuro (quase) incerto	35
<i>Beatriz Pecinato</i>	
A travessia pelo mar vermelho	37
<i>Camilly Rosaboni</i>	
Menina usa (mais que) rosa	38
<i>Ingrid Gonzaga</i>	
Não é não	40
<i>Julia Ayumi Takeashi</i>	
Não é só uma fase	41
<i>Julia Estanislau</i>	
VIDA ONLINE	43
Entre a tela e a realidade	44
<i>Billie Fernandes</i>	
“Você” não é só uma série da Netflix	46
<i>Carolina Sena</i>	
Entrevista de estágio	48
<i>Fábio de Almeida Martins</i>	
Amigos virtuais... Ou nem tanto	49
<i>Gabriela Varão Lima Bentes Pessoa</i>	
Cronicamente online	51
<i>Leonardo Henrique do Carmo de Oliveira</i>	
O fim da minha vida luxuosa	53
<i>Suelyton Viana</i>	
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

Este livro é o quinto número da série Crônicas para ler e ouvir, que reúne textos produzidos pelos alunos da disciplina CJE 0603 – Radiojornalismo, do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

As crônicas foram elaboradas em duas versões: áudio, tendo como finalidade a produção de edições a serem veiculadas no programa Universidade 93,7 da Rádio USP, assim como disponibilizados como *podcasts* pelo Jornal da USP e no repositório do Programa Universidade 93,7; e escrita para a leitura gratuita pelo Portal de Livros Abertos da USP.

A produção foi realizada no segundo semestre de 2024, com a sala sendo dividida em quatro grupos. Os temas escolhidos para a elaboração dos programas foram: cadeiras, misticismo, puberdade feminina e vida online. Sendo assim, os estudantes construíram crônicas por meio de instigantes em torno da memória sobre esses temas.

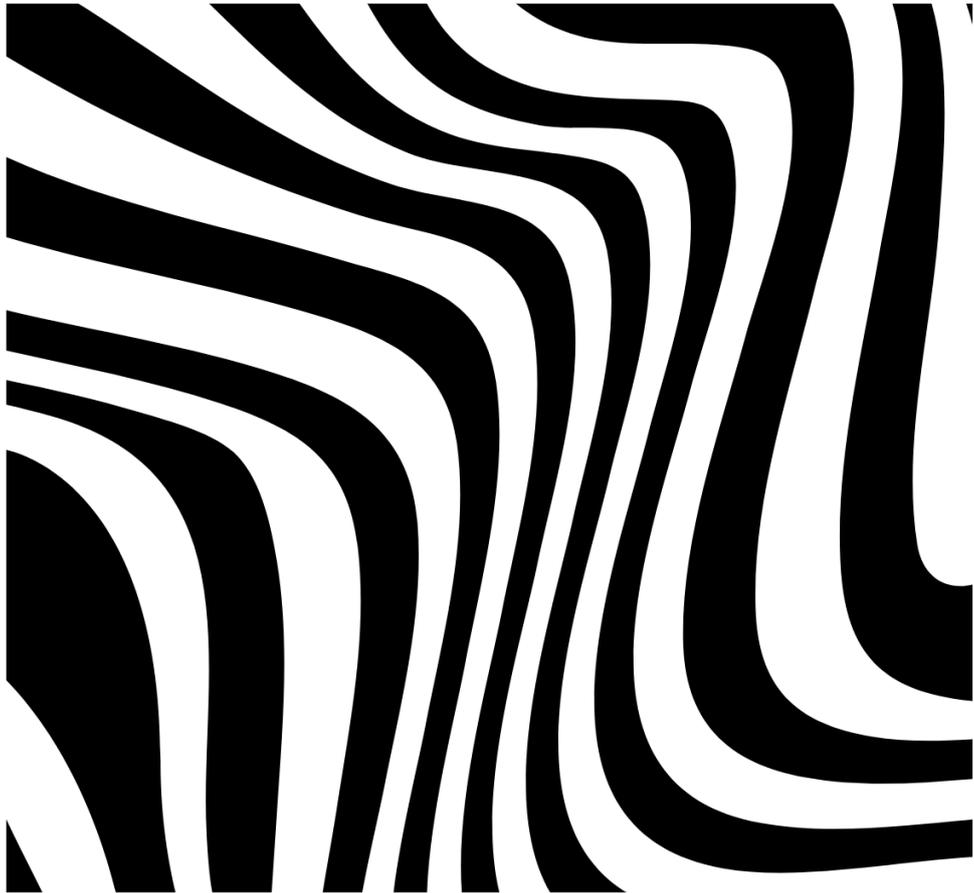
As gravações contaram com convidados para comentarem as crônicas e, conseqüentemente, os temas abordados. Os colaboradores foram: as jornalistas Marina Pires e Geovana Pagel, o advogado Antônio de Carvalho, o professor e filósofo Marcus Reis Pinheiros e Rubens Simões de Carvalho Júnior, um dos coordenadores do Grupo Espírita Lázara da Conceição.

A equipe de editores contou com a presença do professor responsável da disciplina, Luciano Victor Barros Maluly e com os estudantes de pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCom), Gabriela Martin, Felipe Priante, Gustavo Urbani Pessutti e Thaís May Carvalho (mestrado) e Guilherme Gonçalves Longo (doutorado). Participam também desta obra as pós-doutorandas Deyse Alini de Moura e Patrícia Rangel Rodrigues; o doutor internacional em História Contemporânea pela Universidade Autônoma de Madri (Espanha), Daniel Azevedo Muñoz; e Isabely de Paula Oliveira, aluna de graduação do curso de Editoração.

A ideia deste livro é fomentar produtos em multimídia, assim como estimular a comunidade uspiana a divulgar os trabalhos realizados dentro da instituição. Com isso, pretendemos fortalecer o conceito de Universidade Aberta, criando vínculos externos oriundos de iniciativas voltadas ao ensino e à pesquisa, assim como à cultura e à extensão universitária e, especialmente, à inclusão e ao pertencimento.

Boa leitura!

EQUIPE EDITORIAL



Cadeiras



A cadeira da minha avó

Cecília de Oliveira Freitas

Todo almoço em família era assim: meus primos, meus irmãos e eu correndo pra lá e pra cá, meus tios bebendo e falando alto, o calor terrível de Goiânia ao meio-dia e o cheiro inesquecível do prato principal de sempre, a macarronada da minha avó. Não é uma imagem incomum para as famílias brasileiras, afinal, um almoço de domingo na casa da avó é talvez uma das tradições mais respeitadas pelas famílias, tradicionais ou não, desse país.

A diferença é que na minha família havia um segredo, um elemento quase místico que rodeava as refeições e o imaginário das crianças – e talvez até dos adultos mais desavisados. Junto da enorme mesa de madeira, estilo Santa-Ceia, onde todos se reuniam para comer, havia três bancos. Dois largos, do comprimento da mesa, onde nós, meros mortais, sentávamos; e um pequeno, na cabeceira, onde apenas a senhora minha avó, Maria Auxiliadora Pereira Freitas, dona de todas as últimas palavras, mãe de três filhos e cinco irmãos, guardiã das receitas de macarronada quase divinas, poderia se sentar.

E aí de quem sentasse ali! Qualquer um, do mais novo ao mais velho, que ousasse ocupar o lugar da minha avó, já era enxotado por ela mesma, sem nenhuma paciência ou piedade. O instinto *avóterno* que se espera de uma matriarca era quebrado imediatamente quando se tratava da cabeceira da mesa. E digo com propriedade, pois eu mesma já tentei desafiar e sofri a consequência de ser mandada de volta pro meu banco coletivo junto à plebe da família.

O meu espírito curioso, de quem seria futura jornalista, já me fazia criar teorias. Era consenso na família que o banco da minha avó era intocável. Mas por quê? Aquela madeira era mais macia que as outras? A corrente de ar não batia naquele ângulo da cabeceira? A visão de todos na família era melhor, estilo *Vigiar e Punir*? Talvez até fosse uma lei da *Associação Brasileira das Avós*, que a disposição familiar dos bancos deveria ser assim. Eu não sabia, nenhuma das outras crianças sabia, os adultos não deveriam saber, já que a maioria dos adultos só aceita as coisas sem questionar demais *pra não dar problema*.

Eram muitas perguntas, poucas respostas e uma unidade de banco, para uma única avó, que guardava o segredo para as minhas questões. No meu imaginário, eu me perguntava se algum dia eu seria uma avó e o meu lugar seria ali. O banco da avó é hereditário ou tem alguma forma de votação? Nesse caso, eu precisava saber para já estar preparada para a minha campanha eleitoral em 2072. Não teve jeito, precisava fazer uma entrevista exclusiva com a matriarca da família Pereira Freitas e revelar o segredo para o mundo. Era uma questão de interesse público em sigilo por tempo demais!

Criei coragem, esperei estrategicamente até o final do almoço, quando seria mais fácil obter respostas sem a gritaria dos tios, agora sonolentos, ou o nervoso da fome. “Vó, por que você sempre senta no mesmo lugar? Por que não senta do nosso lado?” Apelei pro emocional. “Uai, menina! Eu sou canhota! Se eu me sento com vocês fico batendo os braços e atrapalho todo mundo”.

De fato, minha avó era a única canhota da família. Fazia sentido. Mas e a *Associação Brasileira das Avós*? E a corrente de ar? A minha campanha pelo banco dali a 59 anos já tinha até *jingle*! Às vezes, os mistérios existem para serem mantidos, assim como bancos de madeira, maciços, brilhantes, hidratados com óleo de peroba, e como as avós Marias, com seus batons vermelhos, cabelos escurecidos com tinta e segredos de macarrão e lugares à mesa, que vivem sempre, eternamente, em nós.

Quais cadeiras você ocupa?

Gustavo Roberto da Silva

Eu aposto que você já se imaginou ocupando uma cadeira específica. Talvez você tenha transformado ela em um sonho, um objeto de desejo. Sim, existe a questão do conforto, de desejar ter aquela cadeira ergonômica, com reforço na região lombar, apoios para os braços e para a cabeça, e várias possibilidades para regular a altura. Mas ao longo da vida estamos sempre ocupando cadeiras em outro sentido.

Quando eu era criança, achava o máximo me imaginar sentado em cadeiras que eu via pela televisão. A cadeira de quem dava notícias, como as de William Bonner e Fátima Bernardes, as cadeiras de Brasília ocupadas por políticos, ou até mesmo a do banco de reservas do meu coringão e a cadeira do confessorário do BBB. Há algo em comum entre essas cadeiras e as do dia a dia: elas representam a ocupação de determinado espaço. Mais que isso, representam parte da nossa identidade.

Ainda falando de infância, lembro que ia ao supermercado com os meus pais e fazia questão de buscar um carrinho que tivesse aquele banquinho de criança na frente. A maioria deles são difíceis de se sentar sozinho, além de serem feitos de um material plástico desconfortável, com pouco espaço para se mexer. Mas na minha cabeça sentar ali representava uma espécie de desafio. Mais que isso, me dava uma visão privilegiada dos corredores para que eu pudesse ver as coisas de uma altura melhor. Mas acima de tudo, para as outras pessoas no mercado, eu estar ali tinha um significado óbvio: eu era uma criança. A cadeira revelava parte da minha identidade, assim como as que eu desejava naquela época.

Talvez o desejo pelas cadeiras do Jornal Nacional já representasse a minha vontade de ser jornalista. A cadeira do banco de reservas do Corinthians provavelmente mostrava que eu já era perna de pau demais para ser um jogador de futebol titular, mas revelava meu time. A do BBB expressa o meu interesse por programas de entretenimento com qualidade duvidosa, e talvez esse desejo de infância seja o responsável pela vez que me inscrevi no programa. Sim, isso aconteceu e ainda bem que eu não fui selecionado.

Parei pra refletir sobre as cadeiras que ocupo e percebi que a vida é uma frequente dança das cadeiras. Disputamos cadeiras na família, nas relações amorosas, no trabalho, no ambiente de estudo e nos meios de transporte. Bom, seja dança das cadeiras ou *Game of Thrones*, já pensei demais enquanto ocupo uma cadeira muito presente no nosso dia a dia e outra pessoa quer usar.

Relação conturbada

Ian Salmar

Embarco com muitas dúvidas. Não sei direito quem são essas pessoas que vou ver. Sei seus nomes, de onde as conheço, uma imagem vaga de alguns deles, mas é isso. Não sei o que fazem no dia a dia, do que gostam, como são. Também não sei como vou chegar até eles. Sei que esse trambolho de metal vai decolar e atravessar milhares de quilômetros, mas não faço ideia de como é a sensação, se é aterrorizante ou não. Tudo que sei é que tenho oito horas e uma cadeira para pensar sobre isso.

Por oito horas, e mais algumas outras das conexões, o mundo se torna aquela poltrona, aquela cadeira. Você tenta se distrair com os filmes, com a comida, a conversa sua, a conversa alheia, mas no fim é ela quem rouba sua atenção, a cadeira. Você só tem ela. E como é incrível: mesmo sentado, quase sem se mover, como o corpo vai definhando. Sua postura trava, seu pescoço endurece, a espinha se desconcerta, os músculos enrijecem. De tempos em tempos você tenta esticar as pernas, presas em minúsculo cativeteiro. Torce o torso, procura um ângulo diferente, e tudo isso só te lembra de como você está sentado há tanto tempo que parece que seu corpo esqueceu como funcionar. Quem diria que ficar sentado cansa?

Mas acho que não é todo mundo que se familiariza tanto com isso. Desde que comecei a faculdade, tenho me habituado à fadiga da viagem, o estar aqui, ser de lá, pertencer a lugar algum. Normalmente são só três horas de ônibus em direção ao interior do estado, mas já é o bastante para vilanizar a cadeira. Uma vibração constante me acompanha e amortece meus nervos, me amolecendo e me quebrando. Na minha relação conturbada com a cadeira, olho pela janela, leio, trabalho, mudo de playlist. Tento de tudo para vencer a submissão ao tempo necessário para derrotar a distância. Mas a cadeira não tem como ignorar: a cadeira que pula a cada lombada e me chacoalha a memória.

- Devia voltar mais vezes?
- É que não tenho tempo.
- Devia ligar?
- Não tenho o que dizer.
- Devia mudar?
- E vale a pena?

Não só as pessoas, mas também as reflexões se sentam e empedram.

Dessa vez o ônibus é diferente; a viagem, mais longa; a cadeira, mais abusada. Ao invés de voltar para um lugar que conheço como a palma da mão, estou indo para uma terra

desconhecida, ver gente que não vejo há uns seis, sete anos. Por pouco não falamos mais a mesma língua, mas ainda assim é família. Tem muitos paralelos, e alguns perpendiculares. Gente distante que parece que nunca foi embora, e gente que, perto, nunca esteve tão longe. O tempo para derrotar a distância não é uma constante, não se resolve por regra de três – uns caminhos são mais tortuosos que outros, e umas cadeiras, mais macias que outras.

Mas não essa...

Oito horas depois, me sinto carne moída. Não aguento mais ficar sentado.

Velhas cadeiras, novos usos

João Pedro Abdo

Como muitas das palavras que usamos, cadeira tem origem no grego, com a palavra *káthedra*. Naquele tempo, ela era escrita com K e TH, e a letra C que usamos hoje só apareceu depois, no momento em que a palavra entra no latim. Nesse momento, também, a sílaba tônica é deslocada da sílaba CÁ para a sílaba TE, e é aí que *cáthedra* vira *cathédra* e, posteriormente, cadeira. Hoje em dia, quando eu ouço que algum intelectual muito importante assumiu uma cátedra em alguma universidade também muito importante, penso na imagem de alguém sentado, estudando, estudando e estudando.

Apesar da proximidade vocabular, esse catedrático passa bem longe das catedrais católicas, que são basicamente as igrejas de grande porte onde habitam os bispos, que, por sua vez, são uma espécie de padre *premium*. Se o catedrático goza do privilégio de poder estudar sentado em uma cadeira e não em um ônibus circular, por exemplo, então, o bispo talvez seja aquele que tem o privilégio de rezar a missa sentado. Ele tem preferência e não precisa ajoelhar para ser ouvido por Deus.

Vejam vocês a onipresença das cadeiras! Elas são partes fundamentais tanto na ciência, quanto na religião! E falando em religião, vou recorrer à Bíblia, o livro sagrado dos critãos, para explicar a hipersignificação, o uso criativo, as artimanhas feitas com a palavra cadeira aqui, neste pedacinho de chão chamado Brasil. É no Capítulo 9 que Lucas (o apóstolo, não aquele que perdeu o pênalti pro São Paulo nas quartas da Libertadores na noite do dia 25 de setembro de 2024) conta que Jesus uma vez disse assim: “As raposas têm tocas e os pássaros têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça”.

Repousar a cabeça eu não, mas os quadris... De qualquer forma, Jay-C talvez esteja tentando nos explicar como o ser humano é um bicho diferente. Ele não consegue se aquietar e está sempre pendurando um monte de significado no mundo ao seu redor. Constrói prédio, pinta quadro, escreve poesia, inventa uma palavra, mata outras. Enfim, é um bicho que não para quieto. E é claro que uma palavra tão bonita e confortável como a palavra cadeira não ia passar impune.

Um exemplo: imagine que você está esperando sentado numa cadeira por alguém que está demorando muito. Uma pessoa passa e lhe oferece uma xícara de chá. Você aceita, pois está impaciente e precisa fazer alguma coisa, mesmo que seja queimar a boca em uma bebida meio sem gosto. Passa-se mais um tempo, o atrasado finalmente chega e tem a pachorra de perguntar: “Desculpa! Demorei muito?”. Você, munido de todo o deboche possível, responde: “Claro que não! Só me deu um chá de cadeira!”. Que bicho inventivo é um ser humano sentado.

Meu dia em cadeiras

Maria Fernanda Barros

Como em todos os meus dias úteis, o despertador tocou às cinco e quarenta da manhã. Dei uma enrolada na cama, rolei a tela do celular, até que, às seis horas, me levantei. Fui para a cozinha preparar meu café da manhã, que possui quase sempre a mesma composição: uma fatia de pão integral, com dois ovos, uma clara, e meio mamão papaya com leite em pó. Levo o meu pratinho para a sala de estar e sento na cadeira da mesa central. Cadeira branca, de madeira, que fica de frente para a janela. É o lugar em que posso contemplar a simplicidade desse horário das seis da manhã. Tomar meu café, ver o Sol ainda tímido, o rosto sonolento das pessoas, os funcionários das padarias e restaurantes abrindo seus estabelecimentos, e o baixo movimento da avenida, que cresce aos poucos.

Em um piscar de olhos, percebo que estou atrasada, como sempre. E vou correndo pegar o ônibus 715M sentido Largo da Pólvora, que está sempre lotado, nunca tem um mísera cadeira livre pra sentar. E olha que eu pego no começo da linha. Naquele dia, por algum milagre, eu consegui uma cadeira para mim. Com vista para janela, ainda! Geralmente, os quarenta minutos que fico naquele ônibus, que às vezes chegam a cinquenta minutos, dependendo do trânsito, eu passo estressada, doida pra chegar no serviço logo, com a cabeça falando “não aguento mais!” a toda hora. Naquele dia, eu percebi que meu mau humor, em grande parte, estava relacionado com a falta de uma cadeira para sentar no ônibus. Tudo bem que ela não é das mais confortáveis, mas sentada naquela cadeira, com vista para janela, o tempo passou voando. Minha mente se fixou em todos os acontecimentos da cidade. Quando fui ver, eu tinha chegado.

No trabalho, a primeira coisa que eu faço é ir pra minha mesa no escritório. Deixo minhas coisas em cima, mas por incrível que pareça, a minha cadeira nunca está na minha mesa. As pessoas que chegam antes de mim sempre pegam minha cadeira, oferecem pra alguém que está visitando o escritório ou a usam pra colocar alguma tralha em cima, bolsa, marmita, aparelhos de câmera, ou simplesmente para apoiar o pé. É muita folga, né? Eu sempre tenho que ir lá, pegar outra cadeira, me acostumar com o novo acolchoado e com a ergonomia que é diferente. Que raiva!

E foi assim, refletindo sobre a disputa de cadeiras no meu trabalho, que me veio um pensamento meio doido: o nosso dia é, em boa parte, feito de cadeiras. Quando a gente está cansado, a falta dela nos estressa e traz até dor física. No ônibus lotado, pode reparar, *tá* todo mundo em busca de uma cadeira para sentar. Ao mesmo tempo, ficar nela por muito tempo também pode causar um baita de um desconforto. Passar horas no trabalho, sentada toda torta na cadeira, somado ao estresse do cotidiano, resulta em uma tensão dos músculos extremamente desagradável. E você, como seria se você contasse como foi o seu dia a partir de uma cadeira?

Entrevista de emprego

Túlio Gonzaga

Os ponteiros do relógio marcavam três e quinze. José Neto encarava a maçaneta à sua frente. Estava inerte, fria. Já ele, o oposto. Sentado numa poltrona estofada, balançava uma das pernas. O suor lustrava-lhe a testa, que agora coçava. Coça, coça, coça. Encarou a maçaneta novamente. Que desconforto.

Ajeitou-se na poltrona. O couro colava-lhe a pele, já embebida em suor. Que calor. Será que o ar condicionado naquela sala estava funcionando? Pergunta retórica, não havia a quem indagar. Aguardava só, numa sala que parecia se encolher ao passo que sua insatisfação crescia. José Neto estava agitado. Agitado.

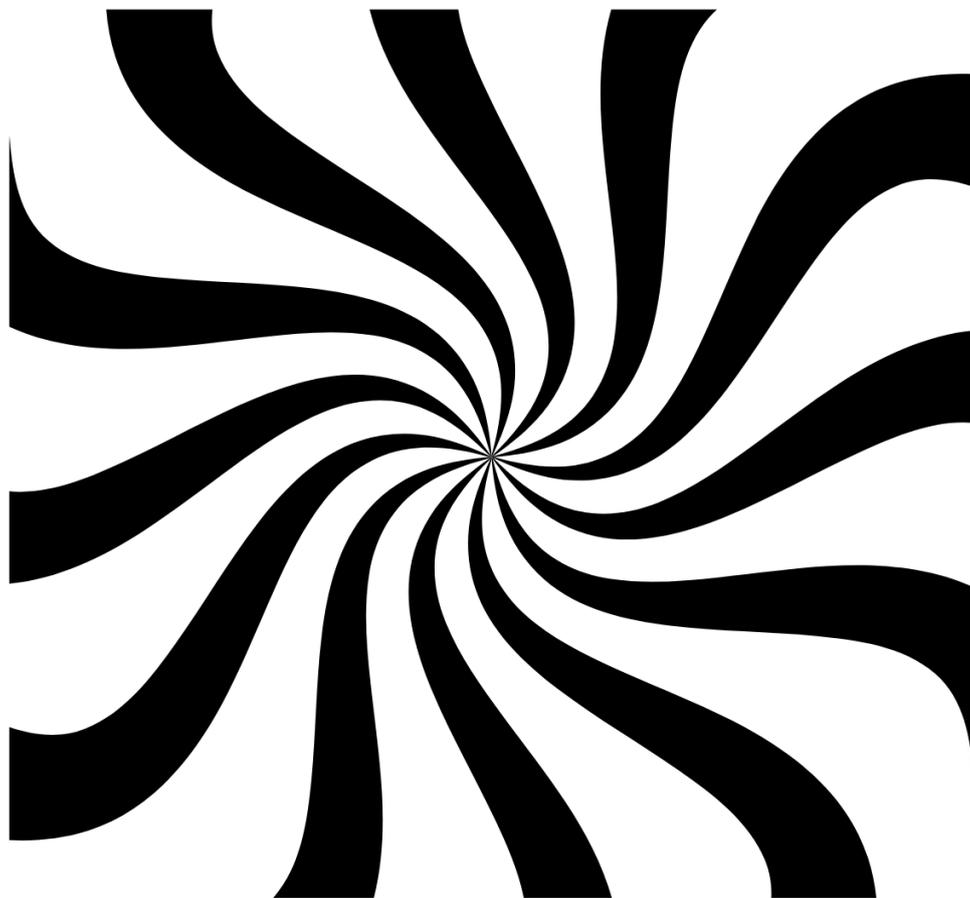
Subiu o olhar e contornou o batente de madeira. E a maçaneta de metal que tanto demorava para se mover. Deixou de lado a pasta que segurava. Carregava ali uma folha de papel intitulada currículo, com o poder de fundamentar decisões para seus próximos dias, meses e até anos. Um atestado de esperança, um feixe de melhora de vida, seus filhos poderiam viver em paz... Cruel. Transportava-se décadas adiante, criava cenários de gramados verdes, cercas brancas, e crianças correndo. Mas aquela maldita maçaneta – sim, maldita – seguia imóvel.

José Neto ajeitou-se novamente na poltrona. Pomposa, cheirosa, mas já não parecia estofada, incomodava-lhe os glúteos. E o couro seguia colando-lhe a pele. Mudou de posição. Moveu-se. Mais uma vez. E de novo. Não.

Seguiu sentado, tenso. José Neto estava tenso. Ajeitou as ranhuras da camisa dentro da calça e subiu o cinto, respirando alguma confiança. Encarou a já não-tão-maldita maçaneta. Ela abriria logo, assegurava-se. Abriria logo. Suspirou. E então, a porta abriu.

José Neto viu sair de dentro dois homens sorridentes, apertando as mãos como fazem os homens quando estão seguros de si e despediram-se com tapas nas costas. O alto consultou o relógio. Quatro e cinquenta. Virou-se para o próximo candidato, que levantou-se, ansioso: “Opa, João Neto? Tudo bem, cara? Então, aquele homem que acabou de sair nos agradou muito. Sabe como é, nada contra você... Boa sorte da próxima vez”. Deu as costas e fechou a porta da sala.

José Neto sentou-se de volta na poltrona, buscando conforto naquele estofamento de couro. Dessa vez, sem pressa alguma de levantar.



Misticismo



Tá falando com quem?

Cora Andrade

Em uma viagem para Pernambuco com a minha família, há uns quinze anos atrás, uma revelação sobre mim marcou a vida de todos para sempre: eu falava sozinha. Não sozinha, exatamente. Eu falava com os, carinhosamente batizados pelos meus pais, amigos imaginários. Amigos que não só iriam embarcar com a gente, como também estavam demorando muito para arrumar as malas. Pelo menos foi isso que minha mãe entendeu escutando a nossa discussão através da porta do banheiro.

A notícia da companhia de seres imaginários foi a pauta da viagem. Minha irmã disse que não dormiria no mesmo quarto que eu:

– Eu é que não vou dormir no mesmo quarto que ela, vai saber com quem ela está falando.

Meu pai preferia não pensar muito no assunto.

– Morro de medo de pensar muito e entender.

Minha prima já dava os primeiros indícios de sua formação como psicóloga.

– O excesso de pensamentos gera excesso de palavras.

E eu, enquanto todos tentavam me diagnosticar, só pensava em uma coisa: onde os meus amigos iriam viajar? Eles não tinham comprado passagem, e aí de mim se pedisse mais duas para o meu pai.

Duas, sim. Eram dois amigos imaginários. Eram muitos, no começo, mas com o tempo fui selecionando a dedo qual deles queria por perto. Só sobraram dois, que corriam o risco de não embarcar e ficar para sempre sozinhos no Aeroporto de Guarulhos. Eles nunca tiveram um nome, um rosto, um corpo, uma voz, ou qualquer semelhança aos meus amigos de carne e osso. Mas, não pensem que nossas relações eram só flores, não. Tínhamos brigas seríssimas e bem escandalosas. E foi com uma dessas que conseguimos parar o aeroporto, antes do embarque.

Enquanto meus pais esperavam notícias sobre o vôo, eu perambulava conversando sozinha pelos guichês, tentando disfarçar, colocando a mão sobre a boca. Comecei a falar cada vez mais alto tentando explicar para os meus amigos cósmicos que eu não conseguiria uma poltrona para eles. Revoltados, começaram a me atacar:

– Ai, você só pode estar brincando!

– Não acredito que está fazendo isso com a gente!

– Que descaso!

Além de tudo, são barraqueiros. Foram alguns segundos de conversa intensa e cheia

de gritos, interrompidos por uma multidão de olhares, que misturavam riso e desespero. Sai correndo e não desgrudei mais da minha mãe.

Nunca mais aconteceu nada semelhante a isso na minha vida. Os amigos imaginários continuaram existindo e me acompanham até hoje, sem se personificar, sendo apenas continuações dos meus ouvidos e da minha psique. E, por questões financeiras, nunca mais pisei em um avião, o que dificulta o *déjà-vu* da nossa quase separação. Em terapia, entendi que eles são – e foram – maneiras encontradas de lidar com o estresse e a ansiedade. Nunca tinha viajado de avião antes e o medo de ficar pelo céu foi forte. Era eu brigando com as minhas emoções, e eu jamais conseguiria fazer isso em silêncio.

Embarcamos. Cochichei com a minha mãe que tinha me entendido com eles. E agora, a coitada só conseguia temer, depois de um cochilo, abrir os olhos e dar de cara com duas figuras, que, torcia ela, fossem amigáveis.

– Somos fofas, talvez só não humanas. Os ouvidos humanos não dariam conta de absorver tanta informação!

E o Universo, sabiamente, enviou outras tagarelas e fofoqueiras, que ninguém vê, para me fazerem companhia. Você, por exemplo.

No fim, meus amigos imaginários viajaram no lugar mais seguro do avião: a asa. Imagina se eles realmente fossem guias espirituais, assim como dizia uma tia-avó espírita?

– Que péssima maneira de tratar aqueles que existem justamente para te conduzir!

Nessa altura, dá até para adivinhar a reação deles ao descobrirem que teriam que dormir no banheiro do quarto do hotel:

– Deixa você! Agora é o fim!

– Fica quieta um pouquinho!

Se rebelaram e me silenciaram. Não aguentavam mais ouvir minha voz. Nem sozinha, podia falar. Pela primeira vez na história, fiquei quieta.

Espíritos Vagantes

Ester de Brito

Despertou em uma fresta entre a madrugada e a manhã, quando o Sol ainda não nasceu, mas os pássaros já começam a cantar. Com a mente descansada de quem dormiu todas as horas que o corpo precisava, permaneceu deitada ouvindo os sons da casa. Observava o corredor, pensando se valeria a pena levantar e arriscar levar bronca da mãe por fazer barulho em horário inapropriado.

Até que, em um piscar de olhos, uma figura esbranquiçada surgiu onde antes não tinha nada, logo ali no corredor, a encarando. Perplexa e sem entender o que via, não ousava se mover ou desviar o olhar. E então, o que era só um borrão começou a tomar forma. Parecem os meus pais, pensou. No entanto, eles pareciam errados, parados lado a lado em silêncio, a observando enquanto se tornavam cada vez mais nítidos. Os olhos negros e o rosto putrefato, usavam roupas brancas como se estivessem saído direto das macas de um necrotério. E de repente, assim como vieram, desapareceram.

Ignorando todos os conselhos que já dera para personagens de filmes de terror, foi investigar. Caminhou pelo escuro e chegou ao quarto dos pais. Dormiam. Respiravam profundamente em um sono pesado, sem sinal de que haviam ido a qualquer lugar, seja o mundo dos mortos ou o quarto ao lado.

Percebendo ter presenciado algo sobrenatural e não se importando mais com as possíveis broncas da mãe, ligou todas as luzes e aparelhos eletrônicos que podia e esperou aterrorizada até o Sol nascer e trazer algum conforto.

Mais tarde, não sabia ao certo como contar a experiência que tivera sem ser considerada louca ou ouvir um sermão por não orar o Pai Nosso antes de dormir. Por isso, resolveu contar a história para a pessoa cuja opinião não importava, o irmão. Mas antes que pudesse narrar a história, foi interrompida pelas lamúrias do mais novo, que se queixava por não ter dormido na noite anterior – Fiquei assistindo histórias de terror até de madrugada, mas quando o pai e a mãe acordaram, tive que esconder o computador às pressas – explicou.

Confusa com o que ouvia, quis saber mais – Ah, é que ouvi o pai e a mãe no seu quarto essa madrugada, eles estavam falando com você.

Pronto, já não importava quantos pais nossos seriam cobrados dela, ou se era grande demais para dormir na cama dos pais, não dormiria sozinha nunca mais. Se enfiava na cama dos outros sempre que podia, sequestrava o cachorro da família para evitar ficar só, quando acordava antes do Sol nascer, insistia até voltar a dormir. Até que o medo extremo se tornou

apenas uma inquietude que não a permitia dormir de porta aberta, e eventualmente, se tornando apenas uma história que contava em rodas de conversa em que todos compartilham suas histórias horripilantes.

E assim aconteceu muitos anos depois, contava a história esperando ter que jurar de pés juntos aos amigos que não era sonho e estava completamente desperta quando viu o fantasma dos pais que ainda estavam vivos. Mas foi surpreendida quando, após ouvirem o relato, em uníssono, todos disseram – Projeção Astral. Explicaram que ela realmente vira seus pais, o espírito deles só havia saído do corpo enquanto dormiam. Uma coisa comum, como qualquer segunda-feira.

Ainda assim, para evitar que sua própria alma se separasse do corpo e não partisse para uma melhor de puro susto, decidiu continuar dormindo de portas fechadas. Desde então, dorme torcendo para que a barreira física seja o suficiente para manter visitas espirituais longe do seu momento de descanso, estando elas vivas ou não.

Contato inesperado

Júlia Galvão

Ser filha única fez com que grande parte das minhas memórias de infância fossem construídas somente com os meus pais. Apesar de sempre ter sido questionada sobre a falta que um irmão faria na minha vida, nunca senti que a presença de mais alguém fosse necessária dentro de casa.

Minha mãe e suas histórias mirabolantes sempre foram suficientes para preencher o vazio que um irmão ocuparia. A rotina dentro de casa era, então, bem simples: meu pai, que sempre foi porteiro noturno, cuidava de mim durante o dia e minha mãe, a Dona Márcia, ficava comigo durante a noite.

O momento de dormir era marcado, assim, por uma série de histórias, lendas urbanas e lembranças que minha mãe trazia do interior do Pernambuco. Cresci ouvindo relatos de que meu bisavô já havia visto lobisomem, espírito de mulher e até mesmo mula sem cabeça. Ah, o próprio diabo já havia aparecido para a madrinha da minha mãe e brincar com questões espirituais sempre foi um assunto muito sério dentro de casa.

Apesar de sempre me divertir com todas essas histórias, uma específica sempre foi a minha preferida – e com o tempo, se tornou também a dos meus amigos, já que criei o costume de fazer minha mãe compartilhar esse relato com todo mundo.

Na época da história, a Dona Márcia, ainda não era “Dona”. Ela tinha apenas 23 anos e, apesar de já morar com meu pai, ainda não sonhava em ter filhos. Para ela, aquele dia era, então, apenas mais uma quinta-feira normal.

Márcia acordou, tomou banho, escovou os dentes, tomou seu café e foi para o trabalho. Todo dia ela saía do Varginha, bairro no extremo sul de São Paulo e ia em direção à Rua Teodoro Sampaio, no movimentado bairro de Pinheiros. Com apenas 23 anos, minha mãe descobria São Paulo todos os dias e, com o carisma que apenas uma pessoa de fora da Terra da Garoa poderia ter, era igualmente descoberta pela cidade.

O dia correu normalmente e, por volta das 18 horas, estava de volta em sua casa. Como de costume, sentou no sofá, tomou um banho e foi terminar os afazeres domésticos. Meu pai, que na época só chegava em casa de madrugada, ainda não estava por lá.

Os planos da minha mãe para as próximas horas envolviam apenas terminar de lavar e estender as roupas sujas, assistir a novela das 21 horas e aproveitar o resto do tempo para descansar.

O universo, no entanto, parecia ter outros planos para definir como o dia dela terminaria.

É nesse momento que peço para que você tenha calma e deixe o pensamento racional de lado. De acordo com a minha mãe, enquanto ela colocava as roupas no varal, uma enorme nave espacial apareceu bem em cima de sua casa.

E essa é a parte da história em que sempre demonstrei relutância em acreditar. Por que, entre todas as casas do mundo, uma nave alienígena decidiu parar bem em cima da casa dela? Por que ela foi a única pessoa da vizinhança a ter observado esse objeto? Por que nunca mais a nave resolveu fazer outra aparição?

Apesar da série de perguntas, parece que algumas coisas realmente não tem explicação.

– Júlia, eu juro por tudo que é mais sagrado que isso aconteceu. Eu estava estendendo as roupas e, de repente, vi uma sombra grande, mas TÃO GRANDE, aparecendo em cima do quintal.

– Ok, mãe, mas e aí? O que era essa sombra?

– Era a sombra de uma nave alienígena! Uma nave que era idêntica à nave da Xuxa.

– Mãe, calma lá. Você JURA que viu uma nave extraterrestre e que ela era igual a nave do programa da Xuxa?

– Sim. Você pode não acreditar, mas eu sei o que eu vi.

– E depois que você viu a nave, o que foi que você fez?

– Corri, ué! Você acha mesmo que ia ficar lá parada esperando para ver o que poderia acontecer?

– Tudo bem, mãe. Eu acredito! Agora, conta aquela história do seu avô?

Hoje, toda vez que alguém visita a nossa casa, tenho o costume de perguntar – você acredita em alienígenas?. Minha mãe jura que eu faço para brincar com ela e não se cansa de me ameaçar dizendo – no dia que eles aparecerem e você não ter para onde correr, você para com essas brincadeiras.

Um livramento por acaso

Júlia Moreira

O som do despertador toca. Um novo dia e mais uma vez acordando cedo. Mal eram quatro da manhã e a sensação era que seria um dia daqueles. Suspiro.

Os olhos custavam a ficarem abertos e o bocejo trouxe de volta os pensamentos para a consciência. Infelizmente para quem começa a trabalhar às seis da manhã, em um lugar nada perto de casa, essa é a realidade.

Bom, após um um banho, nada melhor do que um café para de fato começar o dia. Ele até poderia começar bem, se não fosse o filtro de café caindo com o peso da água quente e derrubando todo o pó. A água com a borra de café escorreu pelo gabinete até o chão, além de ter respingado no fogão. Suspiro. Sem café dessa vez. É, seria um dia daqueles.

A ida até o ponto mais próximo poderia ser através de uma carona do marido, mas a briga da noite passada deixou o clima hostil... Pedir um favor não era uma opção. O dia permanecia escuro, hora de pegar a chave e o bilhete do ônibus para partir... Mas onde eles estão, cadê a carteira?

O tempo passava, olhava na bolsa, debaixo dos móveis, nos bolsos da roupa. Só podia ter ficado no armário do trabalho. Suspiro. O céu finalmente clareava, sinal de que estava tarde demais para ir andando ou esperar o próximo ônibus.

A situação exigia balancear o orgulho e a necessidade... Afinal, quais são os riscos de andar sozinha de manhã? Hm... Poucos. São décadas vivendo na região. Nada aconteceu. Mas, por algum motivo, essa não parecia ser uma opção... *Okay*, pedir um favor não iria matar.

– Ei, me leva no trabalho, por favor? Já estou atrasada.

Um suspiro masculino e o som da cama enquanto ele levantava preenchem o ambiente. Sem dizer uma palavra, ele se levanta e começa a se aprontar para sair. *Tá* bom, não foi tão ruim assim.

Ao sair de casa, é possível avistar na rua o que parecia ser um casal. O homem estava com o braço esquerdo em volta de uma moça, mas a velocidade não permitiu notar que a expressão dela era de desconforto e angústia.

Não tinha como saber, mas três dias depois iriam anunciar o desaparecimento de uma mulher, esposa de um homem conhecido do bairro. A morte foi confirmada logo depois... A câmera do vizinho havia registrado o exato momento em que a mulher descia sozinha, mas voltava acompanhada.

O homem a levou para uma kitnet alugada, localizada mais acima na rua. Passaram em frente a uma casa que já estava com as luzes acesas e o som de um carro ligando. Uma semana depois, o noticiário da noite já daria os detalhes horrendos da morte, na verdade, do assassinato.

Mas naquele momento, às cinco da manhã, a única preocupação era chegar a tempo no trabalho.

Vidas passadas

Luana Takahashi

Na mesa de jantar, queria ouvir meu tio falar sobre vidas passadas – entre tosses, pigarros e garfadas. Ele, que já foi evangélico, umbandista, espírita e católico, deve ser um homem de muita fé. Ou, pelo menos, de muita religião. Desejava saber o que ele pensava sobre pessoas que morreram, sobre nosso passado e, também, sobre nosso destino. Esses temas, tão sensíveis, existenciais e intangíveis, devem ser bastante esclarecidos a ele, pensei.

Aquele senhor japonês de cabeça branca, então, explica que, em vidas passadas, eu poderia ter sido um homem, uma rainha, uma camponesa, uma moradora de rua, uma atriz. Fiquei animada com tantas possibilidades. Eu poderia ter sido sua filha, sua mãe ou sua irmã. Na nova vida, o retorno se dá em outra configuração familiar e em outros círculos sociais. Mesmo você não é você. O universo te dá a chance de fazer diferente, de se reconciliar com os desafetos e de se elevar espiritualmente – prosseguiu.

Ele ainda me contou sobre a vez em que encomendou uma carta psicografada de sua falecida mãe. Pegou uma senha e enfrentou a fila em um centro espírita. Um entre tantos fiéis que também queriam se comunicar com seus antepassados. Recebeu o recado em letra cursiva e poucas palavras ocupavam a página. “Mas aquilo não era da minha mãe. O que disse e como disse, nada parecia ter a ver com ela”. Amassou a carta e quis preservar as últimas lembranças que tinha dela.

Aquela conversa certamente me levou para outras encarnações. Mas, de vidas passadas, eu só conhecia mesmo a música do Armandinho: Outra Vida. Era o que eu achava de mais romântico e interessante nessa história toda: idealizar o encontro com a pessoa amada, em outras almas, em outros planos, em outras peles. Mas, para o meu tio, isto não passava de uma mera bobagem. A frase “te procurarei em mil vidas” arrancava-lhe boas risadas e, então, torci para que, na próxima vida, ele fosse um pouco mais romântico.

Também pensava sobre o encontro comigo mesma. Embarquei em meus pensamentos e idealizei tudo o que eu queria ter sido antes de ser esta quem sou. O que teria feito se eu não fosse declarada e tediosamente eu. Despertei com o engasgo do meu tio, ainda na mesa, contando sobre o Preto Velho com quem conversou uma vez, incorporado no corpo da dona Gleisi. Ainda em meu delírio, perguntei – o que você quer ser na próxima vida? Um samurai – respondeu, como alguém que já foi tudo o que podia ter sido.

Entre a enxada e o arrepio na espinha

Nicolas Coelho

Eu não me lembro de dormir durante aqueles meses. Não é como se eu soubesse como tudo começou, só passei a ouvir aqueles passos cada vez mais altos no forro do telhado. Começava durante a madrugada, às três da manhã. Às vezes, soavam como passos; outras vezes, eu sentia como se fosse uma enxada capinando o meu sono. Eu, uma mulher de muita fé, nunca havia feito nenhum tipo de conexão espiritual, apenas acordava naturalmente para rezar. Mas, naquele dia, eu senti algo diferente. A frequência do barulho, que antes parecia ritmada, aumentou como as batidas do meu próprio peito.

Eu não queria ter sentido nada que não fosse feito de carne e osso, mas era como se algo além de mim ocupasse o mesmo quarto. Eu não consegui dormir mais. A oração que começava às três da manhã se arrastou até às seis. Quando finalmente me levantei, fiz um café forte e acordei os meus filhos. Segui o dia trabalhando normalmente, treinei e contei ao meu aluno sobre o que sentira naquela noite. Como resposta, ele me deu um número. Disse que eram ótimos, muito bons, e que não cobravam. Eu liguei na mesma hora. Muito solícitos, marcaram uma visita para o sábado que se seguia.

Era cedo quando tocaram o interfone da academia. Meu filho abriu a porta e entraram três em fila.

– Bom dia, tudo bem?

O pai, curiosamente, era o mais novo; barbudo e todo vestido de branco. A senhora mais velha entrou com uma bolsa e duas sacolas. Eu me lembro de ficar me perguntando por que ela entrou com garrafas de vinho – acho que era isso – já que era cedo e eu nem bebia. Só fui entender mais tarde. A terceira pessoa era uma moça jovem, alta, de cabelos ruivos. As primeiras palavras que saltaram de sua boca foram minimamente curiosas:

– MEU DEUS!

Eu não me lembro de ouvir muito além das formalidades, pois fiquei curiosa. Ouvi a conversa e eles diziam que daria um pouco de trabalho, que estava carregado. Eu puxei as cadeiras e passei outro café – é o que me ajuda quando estou nervosa. Eles não comeram nada além do pão de queijo, foram direto ao ponto:

– Tem algo aqui.

Eu sentia que estava em um filme de suspense – que não é meu gênero favorito. Eles prepararam a mesa, jogaram primeiro os búzios e, depois, as cartas de baralho cigano. Mas o destino ainda não podia revelar o que era.

Nessa época, a sala não tinha janela. Lembra, Nick? Então, devia estar quente. Era verão, mas estava ficando mais gelado. Eles começaram a falar em outras línguas. O homem mais novo foi o primeiro a incorporar; ele parecia conversar em códigos, brincava e bebia, bebia muito – agora entendi o porquê do vinho. Foram muitas garrafas até que ele revelasse o que estava bem ali.

Eu não duvidei em nenhum momento do que estava acontecendo. Agora, com um chapéu na cabeça, ele pediu permissão para fumar. Eu dei. A voz, antes doce, mudou e assumiu tons graves, por meio dos quais ditou:

– Olha, senhora, ele não quer te deixar.

Eu pensei em muitas pessoas. Meus tios, os amores da juventude que, talvez, já tivessem partido. Mas nunca cogitei que seria ele. Eu pensei comigo: não precisa tentar se reconectar, pedir desculpas. Tá tudo bem, vai ficar bem.

Com o charuto entre os dedos, ele pediu para benzer. Benzeu os quartos, a sala, a cozinha e pediu para passar em cada porta. O meu filho o acompanhou até a saída. Na volta, comentou que até os pesos da academia receberam a unção.

Eu comentei sobre o telhado, sobre os vultos que apareciam no reflexo das fotos, até sobre os arrepios. Eles disseram que estavam não apenas sentindo, como também ouvindo, bem baixinho. Pediram para eu fazer mais uma oração; eu rezei, nós rezamos. Explicaram que as aparições e a sensação estranha começaram porque eu convidei... Logo eu, que nem sou fã de visitas? Enquanto eram guardados os instrumentos e era dado o último trago de charuto, ele disse, antes de desincorporar:

– Sua filha não te deseja aqui.

Perdida no limbo

Raquel Tiemi

Se eu morresse neste instante, eu iria para o limbo e permaneceria por lá para todo o sempre. Foi isto que eu, pessoa não batizada e virgem de conhecimentos católicos, descobri em uma conversa com uma amiga conhecedora de todas as histórias da Bíblia Sagrada. No auge dos meus dezenove anos, mesmo sem nunca ter acreditado em qualquer ressurreição ou em algum fruto proibido comido por Eva – por algum motivo – esse fim inescapável para a minha vida me apavorou. Não queria ficar perambulando eternamente sozinha por um campo nebuloso sem saída. Ao menos, foi isto que veio à minha cabeça quando ela disse: *lim-bo*.

Meu destino seria diferente se, no meu nascimento, um padre tivesse banhado minha cabecinha com Água Benta? Você deve estar pensando – nossa, que grande exemplo de parentalidade ao oferecer a liberdade de escolha religiosa da criança para quando ela crescer. É, na verdade, não. Só estou apavorada com essa *vida após a morte* porque pai budista e mãe católica não conseguiram entrar em um acordo entre si.

E o que fazer com toda essa liberdade? Típica maria-vai-com-as-outras, quis seguir os amigos da escola que faziam catequese para poder ter mais tempo de diversão. Porém, a minha liberdade foi até a contracapa da Bíblia. Não, Raquel – disseram meus pais. Talvez, eles soubessem da lógica infantil por trás da minha grande escolha. De certa forma, hoje, agradeço-lhes silenciosamente pela negativa imposta a mim.

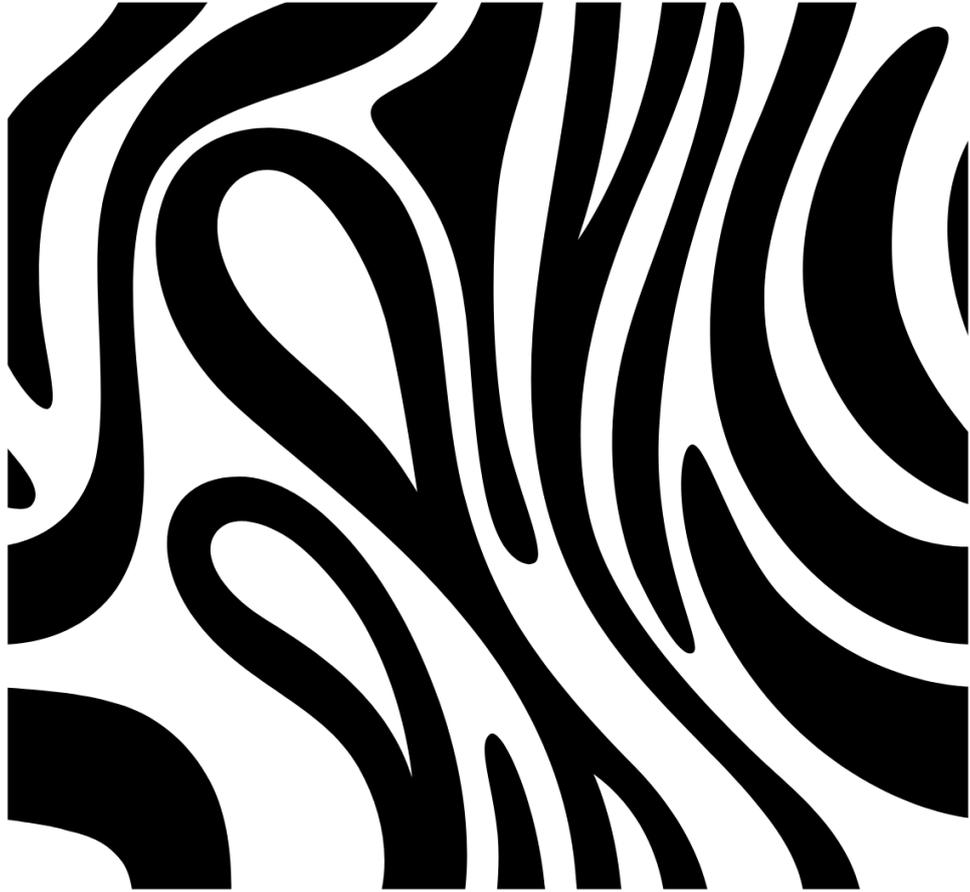
De fato, aprender todos os ensinamentos para uma visão maniqueísta do mundo não traria iluminação para o meu sentimento de culpa crônica em relação a qualquer coisa que faço. Nem Deus na causa, só terapia. Mas, então, por que a possibilidade de ir para o limbo depois da morte estava me assustando tanto? Nunca havia me importado com a vida após a morte dessa forma, mesmo tendo plena consciência do fim da vida.

Então, como uma última forma de tentar aliviar meus futuros castigos, recorri àquele que tudo sabe e tudo vê: o *Google*. Pesquisei: vida após a morte e crenças. Em singelos 0,35 segundos, mais de duas milhões de respostas foram oferecidas para meu impasse místico-espiritual. Para agradecer aos mais céticos, o site logo estabeleceu o que a ciência já descobriu sobre o assunto. A tal luz no fim do túnel, as imagens de parentes já falecidos e, até mesmo, de Deus em si, poderiam ser resumidas como reflexos da falta de oxigenação no cérebro, provocando alucinações visuais e sensoriais. Porém, no fim das contas, nem mesmo a ciência tem resposta para tudo.

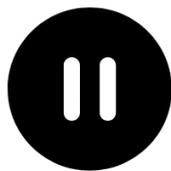
Rolei a tela mais para baixo para ler o que as fés das mais diversas religiões tinham

para dizer sobre o que viria depois de nossa vida nesta Terra acabar. Céu, inferno, purgatório – limbo com mais sílabas – reencarnação. E essa última me intrigou. Sempre acreditei em algo como viver ou ter vivido outras vidas espiritualmente. Fui mais a fundo. Espiritualismo: não havia qualquer menção ao batismo, *ufa*. Para eles, após a morte, o espírito continua vivo e pode reencarnar com a possibilidade de melhorar e evoluir. Bom, isto fez sentido em minha cabeça.

Mais embaixo, outra vertente que também acreditava em uma reencarnação: o hinduísmo. Porém, ela se estabelecia dentro da lógica de um sistema de castas. Quanto mais evoluído seu espírito, mais altas eram as castas em que você *reencarnava*. Bom, isto não fez sentido na minha cabeça. Como uma crença poderia justificar ou, até mesmo, abrandar tamanha desigualdade em um país dividido por um sistema de castas? Enfim, no final das contas, as crenças também não têm a resposta para tudo.



Puberdade Feminina



Relacionamentos

Alessandra Ueno

– Quero amigos, não admiradores. Pessoas que me respeitem pelo caráter e pelo que faço, não pelo sorriso encantador.

Esta foi a frase do Diário de Anne Frank que mais me chamou a atenção. Isto, no sétimo ano do Ensino Fundamental, quando li o livro para uma apresentação em grupo na aula de português.

Não lembro direito o contexto. Acho que Anne estava contando sobre as diferentes amizades que ela tinha: com algumas, ela podia falar sério, sobre assuntos difíceis e complexos, sem ser julgada; outras só eram capazes de rir das suas piadas.

Acho que foi nesse momento que comecei a separar minhas relações, tanto de amizade quanto de romance. Uma palavra que Anne não disse e que, muito tempo depois, veio-me à cabeça, era liberdade. Talvez, por ser algo que ela não tivesse no momento de escrita do diário. Mas era o que mais fazia sentido para mim: a liberdade de ser quem eu era, de todos os meus jeitos, de entender e de ser entendida e, ainda assim, de poder rir de piadas bestas sem quaisquer problemas.

Para mim, chamar alguém de melhor amigo é algo muito importante. É a pessoa com quem eu me sinto mais eu mesma; é a pessoa que eu sei que estaria lá por mim e eu, também, por ela. Bem clichê, mas eu acho que é a melhor forma de explicar esse conceito.

E esse conforto em ser livre na pessoa com quem você se importa – e vice-versa – não está blindado de desentendimentos. Na verdade, acho que alguns deles mostram ainda mais o quanto se valoriza aquela relação. Já briguei com uma melhor amiga minha porque ela estava abandonando nosso grupo para ficar com as populares – e olha que falávamos mal delas. Acho que eu tinha treze ou catorze anos. Uma briga tão boba, mas que, naquela época, parecia o maior problema do universo – e eu não desmereço a tristeza que a Alessandra do passado sentiu.

Passei pelo Ensino Médio sem muitas turbulências com as minhas amigas, mas nem o tempo e a tão aguardada maturidade são sinônimos de que você não vá cometer erros similares aos que você já se opôs.

Na faculdade, minha outra melhor amiga já brigou comigo por estar desmerecendo a companhia dela em prol de outra pessoa. A questão é que, como importa para os dois lados, foi tudo resolvido.

Todas essas questões não estão apenas nesse âmbito. Acho que, com a amizade, é

muito mais fácil ser sincero e consertar as coisas. Com relacionamentos românticos, tudo se embaralha. A liberdade vira – quanto de mim eu posso mostrar para que se atraiam por esse fragmento?. As discussões passam por alguns degraus: o primeiro pode ser se adequar ao outro; o segundo é falta de segurança; o terceiro é o medo de que acabe. Enquanto não há uma relação de construção, e não de dependência, as coisas seguem assim.

Já me disseram que relacionamentos devem ser perfeitos ou que não é preciso se preocupar com a outra pessoa. Bem, não sei qual tipo de relacionamento é esse, mas o simples fato de aquela pessoa estar aberta e livre para viver uma relação, seja amigável ou romântica, já é uma grande responsabilidade que você não trata como obrigação, mas como reciprocidade.

Tenho vinte anos. Minha mãe fala que ainda vou passar por muitas fases. Do mesmo jeito que eu diria para a Alessandra do sétimo ano que ela vai viver ainda mais amizades e relacionamentos que, sendo confortáveis ou não para se abrir, vão guiá-la para bons lugares.

Um problema meu

Bárbara Bigas

A maioria de nós é muito jovem quando começamos a acreditar em problemas que mal existem no nosso protótipo de vida e de mundo. Ainda criança, meu cabelo longo e volumoso era alvo de piadas e apenas por existir, os adultos ao meu redor o achavam exaustivo. Tentavam me convencer de que dava muito trabalho, quando eu nem fazia ideia do que significava *dar trabalho*. O meu cabelo era a minha marca. Era gostoso correr e poder senti-lo voando para trás, iluminado pela luz do sol, o único calor que gostava de sentir em meus fios. Mas eu também sentia, eventualmente, o calor das escovas e chapinhas, que eram a promessa de que meu cabelo se tornaria mais fácil, mais comportado. Um problema a menos no mundo deles, um a mais no meu.

Certa vez, anos depois, ouvi de uma amiga um elogio daqueles que adorava receber:

– Nossa, sua calça é muito bonita! – Dizia ela, olhando de cima a baixo para a calça boca de sino preta e com leves traçados florais em sua superfície que eu vestia – só acho que ela ficaria melhor em uma pessoa magra.

Ah... Aquela frase foi dura, mas a realidade era mais. Aquela sensação estranha que vinha com cada comentário sobre o meu cabelo na infância se intensificou conforme eu entrava na puberdade, e nesse momento, eu já a conhecia perfeitamente. Nessa fase, ter consciência de seu próprio corpo é um castigo. O que hoje eu entendo e reconheço como pressão estética, na época parecia uma condenação: algumas garotas simplesmente nascem com uma preocupação a menos do que outras.

E lá estava eu, achando que roupas bonitas poderiam esconder a preocupação de ter um corpo de que não gostava.

Mas, no geral, eu não estava só. Algumas garotas da minha idade – as mesmas com quem eu me comparava ao máximo – odiavam seus pêlos tanto quanto eu odiava meu corpo. Eu me sentia um pouco melhor por não conseguir exercer gentileza comigo mesma. Diferente delas, minha relação com pêlos era tranquila. Até o dia em que, de tanto ouvir minhas amigas da época trocando indicações de creme depilatório, lâminas e tipos de depilação e me perceber completamente sem recursos para participar das conversas, decidi embarcar na onda da depilação. Um problema no mundo delas, mas não no meu.

Depois de tanto me desajustar para tentar me ajustar, fui colecionando histórias como essas, que marcaram minha puberdade e vez ou outra, dão as caras na vida adulta. Agora, que eles viraram de fato problemas meus, busco cuidar deles como a adolescente que eu fui não pôde cuidar.

Um futuro (quase) incerto

Beatriz Pecinato

Antes mesmo de nascer, eu já era um sonho para os meus pais. Desde pequenos, eles se imaginavam pais de menina – *Ah, tenho certeza! Se for menina, vai se chamar Beatriz, não tenho dívidas.* E, depois de alguns anos de casados, eu nasci, também com os meus próprios sonhos.

Quando eu era bem pequenininha, não sabia direito o que queria ser quando crescesse. Já fiz balé, então quis ser bailarina. Fiz aulas de futsal, então desejei – por um breve momento, diga-se de passagem –, jogar futebol profissionalmente. Fiz e desfiz várias escolhas ao longo dos anos. Afinal, quando se é criança, a gente repete muitas coisas que ouve por aí.

Até que, depois de ter uma conversa banal com o meu pai sobre o futuro, eu estava decidida, ou era isso que eu achava. Queria fazer administração nacional e internacional de empresas. Exatamente o que você ouviu. Isso nem é um curso real, mas na época eu não sabia.

Quanto mais palavras o meu *curso dos sonhos* tivesse, melhor! E eu adorava me gabar dessa escolha: seria uma mulher de negócios em um mundo completamente dominado por homens, fazendo uma faculdade que nem existe. Ah, e só reforçando, que na época eu realmente não sabia de nada disso.

Eu era bem jovem e estava passando pela puberdade. Naquela idade, por mais precoce que fosse, eu já me preocupava com o futuro – e o que eu imaginava que ele me reservava. Tive amigas que queriam ser modelo – *meu sonho é desfilhar na São Paulo Fashion Week* –, outras que queriam ser veterinárias – *ai amiga, é que eu adoro animais* – e tinha aquelas que não queriam ser nada, ou pelo menos ainda não se imaginavam em lugar nenhum – *esse negócio de faculdade tá tão longe...*

Além da decisão de ser administradora – de sei lá o que –, tinha que escolher em qual instituição entrar. Meus pais não fizeram nenhuma faculdade, então não tinham exatamente modelos para seguir nessa área. Por mais que ainda tivesse anos de escola pela frente, e eventuais anos de cursinho também, já queria tomar essa decisão. Não lembro de onde tirei isso, mas a minha primeira ideia de faculdade foi a Getúlio Vargas, a FGV.

Mas essa ideia não durou muito tempo. Eu tinha amigas estudiosas que falavam em estudar na faculdade que, desde que eu era criança, era considerada a melhor do Brasil. Ouvir as pessoas falando sobre a Universidade de São Paulo desde que eu era pequena virou uma chave na minha cabeça. Eu sabia que ainda teria que estudar muito – e não sabia que mudaria de curso mais algumas vezes –, mas tinha certeza que queria entrar na USP.

Dos treze até os meus quase 23 anos, muita coisa mudou. Antes, uma menina, não sabia quase nada sobre o mundo e sobre o futuro. Hoje em dia, também não sei onde estarei aos 33 anos, e o que está reservado para mim. Mas é curioso pensar que uma escolha que fiz há dez anos moldou minha trajetória e continuou comigo ao longo dos anos. Mesmo trocando várias vezes minhas escolhas profissionais, a decisão de qual instituição entrar não se alterou. Obrigada, eu do passado.

A travessia pelo mar vermelho

Camilly Rosaboni

Apesar de ter acontecido há pelo menos dez anos, eu lembro como se fosse hoje. Um borrão vermelho apareceu na minha calcinha e eu achei que tivesse acontecido alguma coisa séria dentro de mim. “Como assim estou sangrando? Eu nem me machuquei!”. Chamei minha irmã discretamente para ela analisar o ocorrido. E, sem dizer uma palavra, ela saiu e perguntou à uma tia que estava por perto – você tem absorvente aí?. O que raios é isso! Será algum *band-aid*? Algo sério aconteceu comigo? – me perguntava assustada. Colocamos o tal do absorvente no lugar e avisamos à minha mãe, que rapidamente me chamou de canto para explicar o que havia acontecido.

Foi aí que eu entendi que nunca mais seria a mesma. Ela disse que eu havia “virado mocinha” e agora lidaria com aquela situação todos os meses, por pelo menos os próximos quarenta anos. E pior ainda: eu, com onze anos, teria que lidar com a ideia de que agora poderia gerar um bebê.

Dali em diante, as coisas só complicaram: tinha que lidar com cólicas malucas, que pareciam um lutador de sumô fazendo festa no meu útero. Isso sem contar os hormônios, que me trouxeram novas amigas: as espinhas. Ai, que delícia é a puberdade!

Aliás, também descobri alguns detalhes que ninguém te conta: absorvente *assa*; você vai odiar espirrar menstruada porque vai sentir o mar caindo dentro de você e; uma vez superado a menstruação no mês, você ainda pode lidar com o escape.

Felizmente, naquela altura, outras meninas da minha idade estavam passando pelas mesmas descobertas, e eu já não me sentia tão sozinha.

Passei a tomar anticoncepcional para ajudar nas cólicas e nas espinhas – óbvio, na questão do *baby* também – e descobri que o absorvente não é a única ferramenta para esses momentos.

Todo mês, eu ainda me ajusto. Tento encontrar a melhor maneira de lidar com esse presente que surgiu na minha puberdade e vai seguir comigo por longos anos da minha vida.

Menina usa (mais que) rosa

Ingrid Gonzaga

– Primeiro, você passa a base. É por isso que tem esse nome. Depois, vem o corretivo. No olho, você passa as sombras, o delineador e o rímel. Aqui na bochecha, o *blush*. Agora escolhe um batom. E não se esqueça do pó!

Eu lembro como se tivesse acontecido ontem. Uma prima mais velha começou a agir como uma blogueira e fez, ao vivo mesmo, no quarto de uma chácara de fim de ano, um tutorial de maquiagem para duas primas menores, prestes a entrar na pré-adolescência – a fase em que, naturalmente, o interesse por se enfeitar como a mulher que elas estavam enfim se tornando surgiria.

Na minha vez de crescer, ouvi um passo a passo semelhante, mas vindo da minha mãe. Eu, porém, fazendo uso da rebeldia típica de uma pessoa de doze anos recém-completos, resolvi desmoronar as expectativas dela – muito parecidas com as de qualquer mãe de uma jovem garota. Adicionei no processo uma etapa final: olhe no espelho, ache que está parecendo uma palhaça e tire tudo, dizendo que odiou.

Essa cena se repetiu várias vezes, mas a mais marcante foi a última, logo antes de eu ir para o aniversário de uma amiga. Foi quando minha mãe entendeu que não tinha jeito. Não tinha insistência que me faria passar por tudo aquilo e gostar. Quando o horário da festa para a qual eu tinha sido convidada chegou, eu saí de casa. Não é preciso dizer que, chegando lá, eu era a única *menininha* que não estava pintada.

O fato é que, enquanto todas as outras garotas da minha idade iam por um mesmo caminho, eu parecia andar na contramão. Detestava tudo o que diziam que era de *mulher*.

Maquiagem? Nem pensar, eu poderia fazer parte de um circo com aquela aparência. Nada de saias e vestidos. As unhas não eram pintadas, nem mesmo grandes – as coitadas eram arrancadas antes que tivessem a chance de crescer meio centímetro. Os acessórios como brincos e colares a natureza mesmo deu seu jeito de evitar: colocou em mim uma alergia terrível. Usar qualquer tipo de bijuteria era uma complicação.

O problema não eram todos esses enfeites em si. Nas outras meninas, tudo era muito bonito – e, às vezes, eu até queria ser como elas. Mas, por mais que eu me esforçasse, não conseguia deixar de me sentir deslocada com todas aquelas roupas.

Com o tempo, notei que, apesar de amar ser mulher, eu odiava ser feminina. Até as mudanças no corpo, naturais nessa fase, me traziam desespero. Foi assim que acabei adotando um estilo mais simples e desenvolvi interesses que me afastavam cada vez mais de qualquer estereótipo de gênero.

Talvez o grande motivo disso tudo fosse alguma questão com minha autoestima. Talvez fosse só a vontade de ser do contra. É possível até que eu tenha me afastado dessa imagem feminina por medo de me rebaixarem de alguma maneira.

Mas a verdade é que, apesar de ter sido muito difícil para mim saber que eu agia diferente de como as outras meninas agiam – e diferente também da forma como esperavam que alguém da minha idade se portasse –, toda essa fase foi muito importante para mim.

Por causa dessa etapa, eu aprendi que tudo bem se o seu caminho não for exatamente igual ao dos outros. Não é porque esperam que uma menina se vista ou aja de algum jeito que ela tem que ser assim. Hoje, tenho muito mais liberdade e conforto para agir da maneira que eu quiser – até mesmo para me permitir ser mais feminina às vezes.

Sim, é possível que você se sinta sozinha, que você questione se suas vontades são corretas. Mas você vai superar isso com a certeza de que não há nada mais correto do que aceitar com coragem o que se é e o que se quer ser.

Não é não

Julia Ayumi Takeashi

Falar sobre a sexualidade feminina sempre foi um campo delicado. Desde cedo, somos ensinadas a temer nossos próprios desejos, como se fosse um jogo perigoso, onde qualquer passo em falso pode ter consequências graves.

Lembro da minha primeira festa. Aquele misto de liberdade e descoberta. A gente ouviu tantas histórias sobre como é *normal* flertar, beijar, sentir o coração acelerar ao ver alguém que te atrai. Mas o que ninguém te ensina é o que fazer quando o limite é ultrapassado.

Eu estava me divertindo, rindo e dançando com um garoto da minha escola chamado André. Ele era bonito, engraçado, e parecia certo.

Tudo estava indo bem, até que a mão dele começou a subir pela minha perna. Sabe aquele momento em que tudo ao redor parece ficar mais lento? O som da festa parecia distante, e o toque, que antes era leve, se tornou pesado e invasivo.

Tentei afastar a mão dele, sutilmente, achando que ele entenderia. Mas ele insistiu. Eu disse **não**, e ele respondeu com um riso desconcertante. Como se o meu **não** fosse uma provocação, um convite para ele continuar. Naquele momento, entendi que o respeito que eu esperava não viria.

A sensação de assédio é uma mistura estranha de culpa e revolta. A gente se pergunta: – Será que eu dei abertura? Eu deixei algo subentendido? Mas a verdade é que o problema nunca foi meu. O problema está em quem insiste, em quem ignora o meu direito de dizer **não**.

Falar sobre sexualidade feminina deveria ser sobre liberdade, sobre sentir-se no controle do próprio corpo, dos próprios desejos. Mas infelizmente, ainda estamos lutando por isso. Assédio é quando alguém tenta tomar esse controle de você, seja de forma sutil ou explícita. E a linha entre o flerte saudável e o assédio está no respeito.

Porque a liberdade sexual não é sobre ceder ao que os outros esperam. É sobre saber que seu corpo e suas escolhas pertencem a você. E a quem não entender isso, a resposta é clara: **não é não**.

E se alguém ultrapassar essa linha, você **não está sozinha. Denuncie**. Não importa o contexto ou o quão próximo alguém possa parecer – assédio é crime. Procurar ajuda e impor seus limites é um ato de coragem. Delegacias da Mulher, centros de apoio e canais *online* estão à disposição para acolher, orientar e agir.

Lembre-se: seu corpo é seu território. Ninguém tem o direito de invadi-lo sem o seu consentimento. **Denunciar é resistir. Denunciar é também libertar.**

Não é só uma fase

Julia Estanislau

Você já ouviu falar dessa banda? – perguntou minha prima em uma das tantas visitas que ela e minha tia faziam à minha casa. Em 2012 isso era bem comum, mas com o tempo as coisas se perdem. Não, quem são? – respondi. Mal sabia eu que, daquele momento em diante, essa banda faria parte da minha vida.

Corremos para o quarto e ela digitou “*One Direction*” no *YouTube*. Não fazia ideia de quem eram aqueles cinco meninos, um tanto mais velhos que eu ou pelo menos na época a diferença de idade parecia ser maior, ou importar mais. O clique foi instantâneo, e tudo me chamou a atenção: a batida, o ritmo, a alternância entre cada um deles na hora de cantar, o cenário, as roupas.

Assim como o encontro de almas entre duas pessoas, foi o encontro de uma *fangirl* em potencial e uma banda com todas as características do *pop* necessárias para atingir o estrelato de forma rápida.

Tudo era muito novo, diferente dos outros artistas pelos quais me interessei naquele período estranho entre a infância e a adolescência. Período esse que, pela descarga de hormônios, as emoções parecem ficar à flor da pele. E mais intensas. A obsessão pela banda não foi exceção.

O quarto coberto de pôsteres, acompanhar premiações de música até altas horas, colecionar revistas mesmo que tenham apenas notas de rodapé sobre os artistas, conhecer a biografia individual dos integrantes e sentir simpatia pela rainha Elizabeth II só porque é o país de origem da banda. Coisas da adolescência, ou nem tanto assim.

O normal para muitos é superar essa fase e os gostos que ela trouxe consigo, e seguir em frente. Pra mim, a parte da superação nunca chegou.

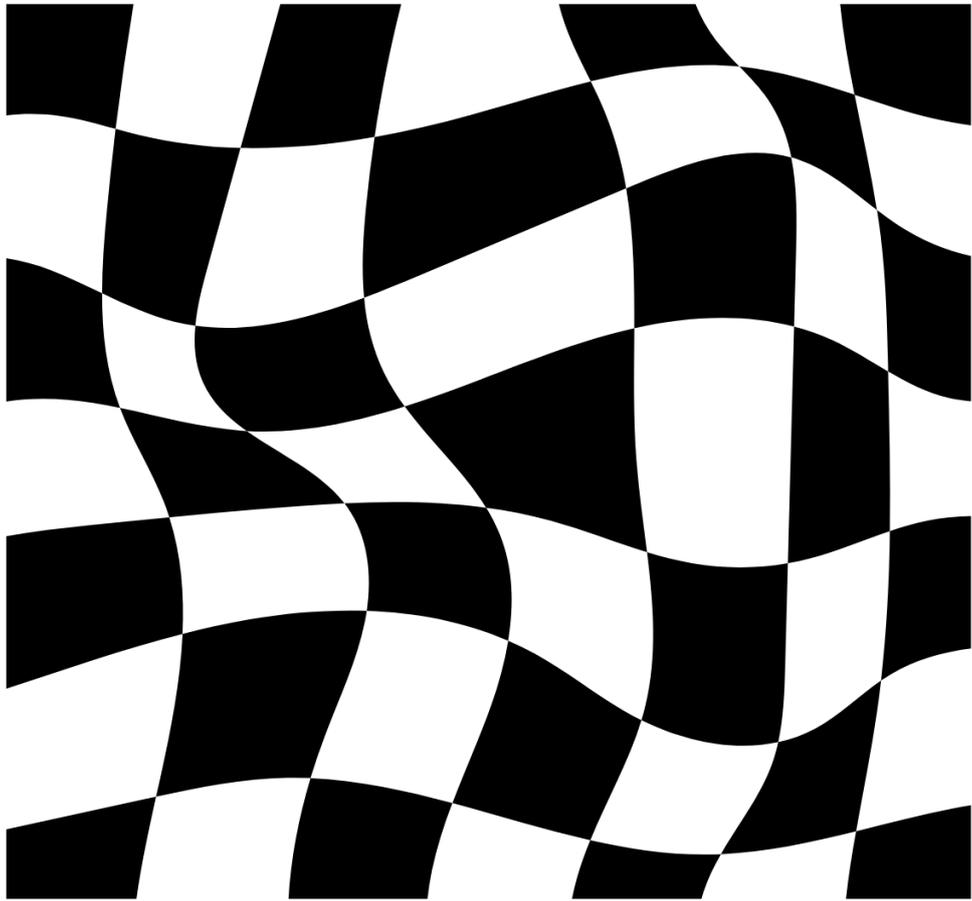
A verdade é que revisitar diariamente algo que marcou minha adolescência é uma forma de me manter conectada com meu eu do passado. Se antes admitir que tenho as letras de todas as músicas decoradas e sei até as falas dos videoclipes era vergonhoso, hoje é uma forma de identificação.

Tenho certeza que, naquele momento em 2012 quando minha prima deu o clique de início no videoclipe, ela não tinha intenção alguma de me converter a superfã. Mas acabou acontecendo.

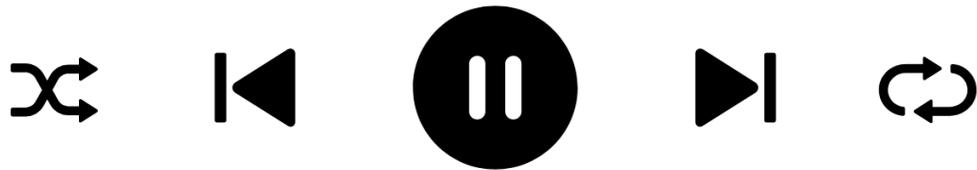
Se a identidade é construída do nascimento até a morte, ter ouvido aquela música pela primeira vez marcou profundamente quem eu seria pelos próximos anos.

Mesmo com o término da banda, e com a morte trágica de um dos integrantes em outubro de 2024, acompanhar esses meninos há anos e ter as músicas à minha disposição serviu – e ainda serve – como muleta emocional em vários momentos.

Ainda nessa, filha? – ele me pergunta toda vez que cito algum dos integrantes. “É pai, parece que não era só uma fase”.



Vida Online



Poderia ser só mais uma *fanfic* – mas essa é uma história real.

Cresci na época em que estavam se popularizando os sites de fóruns, *blogs* e redes sociais, como o *Facebook* e o *WhatsApp*. Eu e minha melhor amiga, Carla, super fãs de literatura e de bandas diversas, encontramos nesse labirinto de possibilidades que era a internet, várias comunidades de fãs iguais a nós... Fãs estes, porém, que faziam mais do que só apreciar as obras: eles escreviam suas próprias histórias das histórias, as *fanfics*. Mergulhamos de cabeça nesse mundo e em meio a leituras e escritas, encontramos uma amizade inesperada: a Isa.

Minha conexão com ela foi instantânea, e logo estávamos conversando por horas todos os dias, dividindo segredos e sonhos, e construindo uma amizade que transcendia as telas. Carla também era amiga dela, mas aparentemente só eu conhecia os seus amigos não-virtuais e estava em outros grupos com eles. Eu estava me inserindo ainda mais na vida de Isa.

Ah, e ainda tinha outra questão: Carla fingia ser outra pessoa em todos os grupos *online* em que estávamos. Com uma autoestima bem baixa, ela construiu uma aparência nova com fotos que pareciam bem reais e tinha outro nome. Eu não interferia, nem a julgava.

Enquanto minha amizade com Isa ia ficando cada vez mais íntima, Carla ia ficando cada vez mais *a menina popular* dos grupos. Não ser ela mesma, e nem conseguir fazer uma amizade profunda com ninguém dos grupos – incluindo a Isa – estava começando a deixar Carla maluca. Enquanto isso, eu, que não era uma adolescente melhor emocionalmente que minha querida amiga, estava desenvolvendo um ciúme muito forte de Isa; e Carla, frustrada por não fazer parte disso, um ciúme de mim.

Eram frases indiretas nos grupos, nos *status* das redes, um silêncio proposital sobre o assunto quando nos encontrávamos na escola e até mesmo fofocas com Isa pelas costas de Carla, e da Carla com as outras meninas pelas minhas costas.

Enfim, claro que a situação explodiu.

Mergulhada em um universo de histórias fictícias com Isa, não percebi que minha própria vida estava se transformando em uma trama cheia de reviravoltas e intrigas. A amizade com Isa, tão intensa e virtual quanto as personagens que amávamos, me cegou para a importância da minha relação com Carla, minha melhor amiga desde os oito anos de idade.

A ficção tem o poder de nos iludir, mas a realidade sempre encontra um jeito de nos trazer de volta à tona. Por sorte, eu e Carla nos amávamos o bastante para perdoar tudo e seguir em frente. Ela parou de fingir que estava extremamente interessada em ter a amizade de Isa, e eu prometi que ninguém iria tentar roubar seu cargo de minha melhor amiga.

E as *fanfics*? Bem, escrevemos até hoje. Ou melhor, escrevemos histórias originais. Nosso sonho em comum desde crianças era sermos escritoras um dia. Carla até publicou um romance na Amazon. Tenho muito orgulho da minha melhor amiga, e não quero perdê-la nunca mais.

“Você” não é só uma série da Netflix

Carolina Sena

Nunca imaginei que ao tentar encerrar contato com um amigo, eu passaria por uma das piores situações da minha vida. Tinha apenas dezoito anos, quase dezenove, sem muita noção das intenções das outras pessoas, mas de certo reparei que uma amizade minha não andava muito saudável.

Ele era da mesma faculdade, mas não do mesmo curso, praticamente dez anos mais velho e com muitas *questões*. Morou comigo numa república por um tempo e lá não parecia um lugar onde eu conheceria pessoas perigosas, então me deixei estabelecer esse laço. Até que uma série de coisas começaram a ficar estranhas.

Ele tinha momentos de claro descontrole com outros amigos. Era uma pessoa bem reativa e gostava de confabular histórias mirabolantes, parecia quase ficção.

Quando me dei conta que as coisas estavam muito erradas e eu não deveria ter uma pessoa como ele, que rejeita tratamento psicológico, no meu ciclo social, já era quase tarde demais.

Comecei tentando me afastar lentamente, parar de responder mensagens. Ele deve ter se atentado a isso, foi nesse momento que o comportamento se agravou. Diversas vezes ele me procurou na faculdade, enviou mensagens perguntando onde eu estava, tentou me convencer a encontrá-lo bem tarde, à noite, algumas vezes de madrugada.

Lembro-me do ponto de ruptura, quando eu disse que não estava mais confortável com a sua presença e precisava que ele parasse de me procurar. Obviamente, não adiantou para que essa perseguição cessasse.

Mesmo bloqueado, ele buscou incontáveis formas de me contatar, além de procurar por mim pessoalmente. Eu já não andava sozinha na universidade. Passei a sentir um medo comum a diversas pessoas, em especial mulheres, pelas ruas da USP. É a experiência coletiva mais individualmente amedrontadora que eu já me encontrei.

Um dia, ao aparecer no departamento que eu estudo, só se afastou quando foi confrontado por dois amigos meus.

Eventualmente, a tentativa de contato passou a ser menos frequente. Consegui denunciá-lo para o centro acadêmico, além de buscar a polícia por proteção. É possível dizer que consegui me cercar de atitudes para garantir minha segurança, coisa que muitas pessoas acabam não tendo chance.

Ainda me lembro do seu último contato, foi um SMS. Ele tentou justificar suas ações com uma “paixão repentina” por mim, mesmo sabendo da minha falta de interesse por ele e por homens em geral.

A notícia final que tive dele, que veio de algum membro do centro acadêmico, dizia que ele havia passado por uma internação psiquiátrica. Desejei pela sua melhora, mas desejei ainda mais que eu não volte a vê-lo.

Entrevista de estágio

Fábio de Almeida Martins

Era tempo de pandemia e nessa época tudo era feito pela internet. As entrevistas de emprego, antes presenciais, passaram a ser realizadas também à distância, por videoconferência. Eu procurava um estágio na área de tecnologia quando o surto de Covid-19 se espalhou de repente pelo mundo.

Apesar da crise que acompanhou a pandemia, alguns setores de serviços tiveram impulso nesse período, e o de tecnologia era um deles. Foi nesse contexto em que fui chamado para uma entrevista de estágio pela internet.

Tive a precaução de deixar tudo pronto para a reunião. Na véspera, deixei o computador conectado para recarregar a bateria e fiz alguns testes para checar se estava tudo funcionando. Tudo conferido, dormi tranquilo e despreocupado.

Só que bem no dia da entrevista, notei que tinha algo que eu não tinha planejado. Revirando o meu guarda-roupas, não havia uma única roupa limpa para usar. Dava até para usar uma camisa social por cima. Mas nem isso tinha. Eu havia deixado de lavar a roupa por alguns dias e ela se acumulou na semana.

E foi aí que eu tive a *brilhante* ideia de lavar as roupas e me vestir como desse para a entrevista.

Peguei a melhor camisa social que eu tinha – uma camisa branca linda –, enfié na lavadora e liguei. Resolvi colocar mais algumas roupas na máquina para aproveitar a lavagem. E no meio estava uma bermuda que também ia usar. Deixei tudo ali lavando, sem conferir muito porque já estava em cima da hora.

Até que chegou o momento decisivo. Faltavam três minutos para o início da entrevista. Ela ia começar e ainda não tinha roupa para vestir. Retirei a camisa da máquina e a vesti molhada. Eu havia colocado as roupas todas para lavar e por isso estava vestindo apenas uma sunga e uma camisa encharcada.

Foi assim que comecei a entrevista com o recrutador da empresa. Num certo momento no meio da entrevista, um grito nos interrompe:

“Fáaaabio, vem pegar a sua bermuda na máquina”.

Era minha mãe, que entrara no quarto de repente, perguntando se eu não iria vestir a bermuda para a entrevista.

O rapaz que me entrevistava percebeu a situação, mas pelo visto não se importou. Era um jovem bem humorado e bastante simpático e, embora não tenha tocado no assunto, pareceu ter recebido tudo com naturalidade.

Alguns dias depois, a boa notícia chegou. Eu havia sido aprovado e era o novo estagiário da empresa.

Amigos virtuais... Ou nem tanto

Gabriela Varão Lima Bentes Pessoa

Muitas amizades começam com um trio. Basta olhar incontáveis exemplos de personagens de livros, séries de TV e desenhos animados. Por um momento, achei que tinha encontrado meu trio. Mas, nem sempre as pessoas são verdadeiras no ambiente virtual. Eu tinha catorze anos, muito tempo livre, acesso não supervisionado à internet e uma vontade de conhecer gente nova. Foi assim que conheci duas pessoas por meio de uma comunidade online e, em pouco tempo, viramos amigos. Talvez tenha sido a ingenuidade que me levou a acreditar em uma mentira por um tempo considerável. “Quem mentiria sobre algo assim?”, era tudo que eu conseguia pensar após o ocorrido.

Apesar de estarmos a quilômetros de distância, separados até mesmo por um oceano, eu conversava diariamente com meus dois amigos virtuais, principalmente por estar desocupada durante as férias. Entre memes, conversas bobas e músicas compartilhadas, às vezes, conversávamos sobre assuntos mais pessoais, como sexualidade. Eu tinha dúvidas sobre minha sexualidade e não sentia que podia conversar com muitos sobre isso. Desabafar com pessoas online parecia perfeito.

Lembro de ler uma mensagem: “acho que vou contar para os meus pais que sou lésbica”. Desejei toda sorte do mundo, torci para que os seus pais fossem mais acolhedores do que os meus, mesmo que na época eu ainda estivesse no armário. Infelizmente, os pais da minha amiga não gostaram nem um pouco de saber que sua única filha gostava de mulheres.

Nos dias seguintes, as mensagens começaram a escalar em níveis drásticos, uma pior do que a outra. Eram denúncias das agressões que estava sofrendo de seus pais homofóbicos. Não sabia como reagir diante disso. As informações ficaram piores quando ela comentou que tinha ligado para a polícia, que seus pais seriam presos e que ela teria que ir para um centro de adoção por não ter parentes próximos.

Sei que parece errado duvidar de algo assim, mas o desenrolar dos acontecimentos parecia meio suspeito, muitas coisas não faziam sentido. A verdade se confirmou através de um suposto bilhete: “eu e seu pai vamos ficar em um hotel, queremos passar um tempo afastados de você”. Segundo minha *amiga*, seus pais haviam escrito esse bilhete e ido embora. Isso foi antes dela acionar a polícia. Além das inconsistências em sua própria narrativa e do tempo curto entre cada fato, a letra da mensagem dava uma pista certa: ela mesma tinha escrito aquilo.

Quando as conversas ainda eram tranquilas e parecíamos apenas pré-adolescentes compartilhando gostos, ela nos enviou alguns desenhos que fazia, com assinaturas do seu

nome e palavras escritas. A outra pessoa do grupo veio me mandar mensagem no privado, confessando que questionava algumas alegações de nossa amiga. Lembramos dos desenhos e do bilhete, decidimos comparar. Realmente, as letras eram idênticas. Não era preciso ser um profissional para notar. Por que ela havia mentido sobre aquilo? Ao ser confrontada, ela nunca explicou ou admitiu, apenas saiu do grupo. Talvez ela fosse mitomaniaca, talvez sua vida estivesse muito monótona. Nunca soube dizer ao certo. Ao menos, aprendi que não se pode confiar em todas as pessoas que conhecemos pela internet.

Cronicamente online

Leonardo Henrique do Carmo de Oliveira

Eu sou um viciado. Não em drogas, bebidas ou jogos de azar. O meu lance são e-mails. Pro meu dia começar bem, preciso acordar com ao menos três na minha caixa de entrada. Apesar dos pequenos também servirem, prefiro os grandes, em que as pessoas se prolongam por mais tempo do que deveriam e ainda deixam arquivos em anexo.

A verdade é que o que diferencia um e-mail bom de um ruim não é o tamanho, mas sim o assunto. Alguns dos meus preferidos, por exemplo, não possuem mais do que mil caracteres. Às vezes, gosto de relê-los para lembrar de momentos marcantes da minha vida. Como quando mudei de emprego ou fui para o show da minha artista favorita. Tá tudo lá, guardado para quando eu quiser ver.

Sei que tem gente que não gosta de receber e-mails, mas confesso que não entendo muito bem isso. Sim, eles ocupam espaço e podem trazer notícias ruins, mas e daí? Filhos também!

Esse é um assunto que me tira dos eixos. Certa vez, passei do ponto. Enlouqueci. Sequelei mesmo, confesso. Estava apaixonado por um garoto e, para irritá-lo, o cadastrei em todas as *newsletters* que acompanho.

Não dizem que o amor e o ódio se confundem? Pois essa foi a maior prova viva disso que eu poderia dar. Hoje não nos falamos mais, mas ele provavelmente recebe os mesmos e-mails que eu. Dei meu jeito para ficarmos eternamente ligados (até ele resolver se descadastrar dessas *newsletters* ao menos).

Foi um tanto vergonhoso da minha parte? Sim, mas já me coloquei em situações piores, não nego. No meu último emprego, fiz a maior *estagiárisse* que uma pessoa poderia cometer. Quando minha chefe entrou de férias, fiquei responsável por entrar em contato com uma área parceira e publicar nossos textos depois que eles fossem aprovados por ela.

A regra era clara: só poderíamos soltar nossos conteúdos depois que nos respondessem. E, após uma semana sem nem sinal de fumaça, não tive escolha senão fazer um escarcéu com a minha colega de trabalho.

– Não é possível que alguém leve tanto tempo pra responder um e-mail. Eu sou pedreiro, *fi*. Se me botar pra fazer um arroz e fritar um peixe, eu faço –, disse para ela, fazendo referência à Nicole Bahls.

Depois disso, levei esse assunto para o máximo de pessoas que pude e, no fim, descobri que estava mandando e-mail para o endereço errado. Faltava um “.br” no final.

Essa foi uma das inúmeras vezes que o *Gmail* me traiu.

Recentemente, nossa tóxica relação chegou ao limite. Recebi uma notificação dizendo que meu armazenamento estava cheio e que pararia de receber novos e-mails dentro de alguns dias – eu? Parar de receber e-mails? –, pensei – não mesmo.

Fui no *Twitter*, marquei o @ do responsável por essa atualização e disse que **me mataria** na frente dele, traumatizando todos os seus filhos.

Às vezes, exagero um pouco, eu sei.

O fim da minha vida luxuosa

Suelyton Viana

Eu era uma estrela! Minha vida poderia ser o enredo de uma personagem de série que é famosa, rica, jovem e linda. Alguns dos símbolos desse poder eram meu apartamento na praia, meu chalé nos alpes e a minha casa gigantesca no Brasil. Mas o que mais me dava orgulho era o meu guarda-roupa recheado de peças da *Chanel*, *Fendi*, *Balmain* e tantas outras marcas exclusivas.

Meu *hobby* era ir em festas com outras pessoas tão radiantes e bem vestidas quanto eu e, claro, com alguns desafortunados não tão estilosos assim. Minha maior crença é a da democracia inalienável da pista de dança, então tentava ser gentil com todos, o que me fez ter muitos amigos.

E foi em um desses festejos em que eu conheci a Any. Ela não tinha um nível tão elevado quanto o meu, não se vestia tão bem quanto eu e, como a maioria do mundo, não era tão carismática quanto eu. Entretanto, gostei bastante dela. Viramos grandes amigos e compartilhamos alguns segredos.

Em uma tarde de sábado qualquer, Any entrou na minha casa e começou a planejar a venda das minhas roupas e dos meus móveis suntuosos. Ela fez tudo isso e ainda trocou a senha da minha conta principal, a do *Stardoll*. O que foi irônico para um jogo online de slogan: “Fama, Moda e Amigos”.

Eu passei a senha da conta da minha boneca porque tínhamos combinado dela montar um *look* para mim, só não esperava que aquela seria minha última vez naquele mundo online perfeito. Senti como se tivesse sido empurrado do H do letreiro de *Hollywood*, sendo enxotado daquela existência cor-de-rosa para sempre.

Para entender o *Stardoll*, é só imaginar um universo glamouroso onde você pode ser o que quiser e sua maior preocupação é comprar roupas, se maquiar e ter quartos bem decorados, sejam eles nos Alpes ou no litoral. Você pode ser uma boneca-estrela comum, uma superestrela ou ser parte da realeza – como eu era –, desde que tenha dinheiro para atingir isso e para comprar *stardollars*, a moeda que te possibilita comprar até *looks* usados por famosas no *Met Gala*, só que em 2D.

Às vezes, me pergunto se o fim do meu mundo de fama e moda é uma espécie de carma, fiquei maluco com o roubo assim como meu avô ficava maluco quando eu usava o cartão de crédito dele para comprar roupas de luxo virtuais. O quanto ele pagou ao longo dos anos para manter meu *status* eu já nem lembro. Mas tudo serve de aprendizado. Ainda na infância descobri que tenho a habilidade inata de gerenciar o dinheiro de terceiros, já que planejava esse gasto do meu avô para sobrar dinheiro e assim comprar sorvete no dia seguinte.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BARROS MALULY, Luciano Victor [et. al.]. **Crônicas para Ler e Ouvir**. São Paulo: ECA-USP, 2021. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/730/648/2404> (Acesso em: 4 de outubro de 2023).
- BARROS MALULY, Luciano Victor; AZEVEDO MUNÕZ, Daniel; OLIVEIRA TÔZO, Carla de. **Crônicas para Ler e Ouvir**: Volume 2. São Paulo: ECA-USP, 2023. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1095/1000/3699> (Acesso em: 2 de dezembro de 2023).
- BARROS MALULY, Luciano Victor [et. al.]. **Crônicas para Ler e Ouvir**. Volume 3. São Paulo: ECA-USP, 2023. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1199/1094/4129> (Acesso em: 2 de dezembro de 2024).
- BARROS MALULY, Luciano Victor [et. al.]. **Crônicas para Ler e Ouvir**. Volume 4. São Paulo: ECA-USP, 2023. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1379/1256/4887> (Acesso em: 2 de dezembro de 2024).
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1980.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques D'aquém e D'além Mar**: Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.
- MARQUES DE MELO, José. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Futebol e palavra**. São Paulo: José Olympio, 1981.
- UNIVERSIDADE 93,7 – PORTAL JORNAL DA USP: <https://jornal.usp.br/radio-usp/sinopses/universidade-937/> (Acesso em 2 de dezembro de 2024)
- UNIVERSIDADE 93,7 – ECA/USP: <http://www.usp.br/radiojornalismo/> (Acesso em 2 de dezembro de 2024)